

LÍGIA CASTANHEIRA MAGALHÃES

Entre teares e traves: a pluralidade de “ser banguense” e seu significado para a construção da identidade local

Between looms and goalposts: the plurality of “being banguense” and its meaning in the construction of local identity

Entre telares y travesaños: la pluralidad de “ser banguense” y su significado en la construcción de la identidad local

Lígia Castanheira Magalhães

Arquiteta e Urbanista graduada pela UFRRJ e mestre pelo PROARQ-UFRJ na linha de pesquisa "Cultura e Paisagem". Vinculada ao Laboratório "Arquitetura, Subjetividade e Cultura" (LASC-UFRJ), atua participando do projeto de pesquisa "Cartografias Afetivas: Mapeamento da Vitalidade Urbana no Cenário das Ambiências Contemporâneas". Agraciada com Menção Honrosa na categoria Projeto Urbanístico do concurso CAU+Diversidade (2022), com o trabalho intitulado como "O Jardim dos Tecelões". Possui interesse e experiência na área de ambiências suburbanas, paisagem fabril, memória, cultura e identidade.

Architect and Urban Planner graduated from UFRRJ and Master in Architecture from PROARQ-UFRJ in the research line “Cultura e Paisagem.” Affiliated with the Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” (LASC-UFRJ), she works as a participant in the research project “Cartografias Afetivas: Mapeamento da Vitalidade Urbana no Cenário das Ambiências Contemporâneas.” Awarded an Honorable Mention in the Urban Design category of CAU+Diversidade competition (2022) for the project entitled “O Jardim dos Tecelões.” She has interest and experience in the fields of suburban ambiances, industrial landscapes, memory, culture, and identity.

Arquitecta y Urbanista graduada por la UFRRJ y magíster por el PROARQ-UFRJ en la línea de investigación “Cultura e Paisagem”. Vinculada al Laboratório “Arquitetura, Subjetividade e Cultura” (LASC-UFRJ), actúa participando en el proyecto de investigación “Cartografias Afetivas: Mapeamento da Vitalidade Urbana no Cenário das Ambiências Contemporâneas”. Fue distinguida con una Mención de Honor en la categoría Proyecto Urbanístico del concurso CAU+Diversidade (2022), con el trabajo titulado “O Jardim dos Tecelões”. Posee interés y experiencia en el área de ambiências suburbanas, paisaje fabril, memoria, cultura e identidad.

ligiacastanheira.m@gmail.com

Resumo

O artigo investiga como o futebol estrutura a paisagem cotidiana, a partir das práticas sociais e da identidade local no bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A pesquisa parte da compreensão de que o esporte, mais do que uma atividade recreativa, é um fenômeno cultural e espacial que contribui para a construção de vínculos afetivos e simbólicos no território. A partir do estudo de campo realizado no Estádio Proletário Guilherme da Silveira - também conhecido como Moça Bonita - e na Praça Nova Jales, o trabalho analisa as ambiências geradas pelo futebol e a sua expressão nas formas de pertencimento, memória e resistência cultural na cidade. O trabalho se ancora na história de formação urbana e social de Bangu, marcada pela fundação da Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) - a Fábrica de Tecidos Bangu, que transformou uma antiga área rural em núcleo fabril e urbano. Esse processo introduziu infraestruturas e modos de vida modernos, estabelecendo uma ambiência operária que estruturou a identidade local. O futebol, inserido nesse contexto por trabalhadores da própria fábrica, consolidou-se como símbolo do bairro a partir da criação do Bangu Atlético Clube, o primeiro time fabril do país, cuja trajetória se confunde com a história e a memória coletiva da região. Do ponto de vista teórico, o trabalho dialoga com os estudos sobre memória coletiva (Halbwachs, 2004), identidade cultural (Hall, 2003), ambiências urbanas (Thibaud, 2004) e a teoria dos afetos (Anderson, 2006), interpretando o espaço como campo sensível de trocas entre corpo, memória e território. Essa abordagem fenomenológica e sociocultural permite compreender o futebol como prática social que produz e atualiza afetos, transformando lugares em experiências compartilhadas e dotadas de sentido. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar e qualitativa, baseada no método etnotopográfico, que integra instrumentos da etnografia e da observação espacial. As técnicas aplicadas possibilitaram captar as dimensões simbólicas e sensoriais das práticas cotidianas relacionadas ao futebol. As entrevistas, realizadas com moradores e torcedores, e as observações de campo em dias de jogo permitiram identificar como o esporte continua a articular redes de sociabilidade, memória e pertencimento no bairro. Os resultados demonstram que o futebol em Bangu transcende o campo esportivo, configurando-se como uma prática cultural que reafirma laços identitários e promove a continuidade das tradições locais. As torcidas organizadas, os rituais coletivos e as celebrações nas praças e ruas evidenciam a vitalidade de uma memória operária que resiste às transformações urbanas. O Estádio de Moça Bonita e seu entorno constituem espaços de permanência afetiva, onde o passado fabril se atualiza nas experiências contemporâneas de lazer e convivência. A relevância do estudo reside em propor uma leitura da ambiência como categoria analítica capaz de revelar a dimensão sensível e simbólica da paisagem urbana. Ao compreender Bangu como território de afetos e memórias, a pesquisa contribui para os debates em Arquitetura e Urbanismo sobre a relação entre espaço, identidade e cultura, demonstrando que o pertencimento urbano é construído também por meio das práticas sociais e emocionais que habitam o cotidiano.

Palavras-chave: Bangu. Futebol. Ambiências sensíveis. Memória e Identidade. Paisagem e afeto.

Abstract

The article investigates how football functions as a structuring element of the landscape, social practices, and local identity in the neighborhood of Bangu, located in the West Zone of Rio de Janeiro. The research is based on the understanding that sport, more than a recreational activity, is a cultural and spatial phenomenon that contributes to the construction of affective and symbolic bonds within a territory. Drawing from fieldwork conducted at the Estádio Proletário Guilherme da Silveira - also known as Moça Bonita - and at Praça Nova Jales, the study analyzes how the ambiances generated by football express forms of belonging, memory, and cultural resistance in the city. The work is grounded in the urban and social development history of Bangu, marked by the founding of the Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) - the Bangu Textile Factory, which transformed a former rural area into an industrial and urban hub. This process introduced infrastructure and modern ways of life, establishing a working-class ambiance that shaped the local identity. Football, introduced in this context by the factory's own workers, became a symbol of the neighborhood with the creation of Bangu Atlético Clube, the first factory team in the country, whose trajectory is deeply intertwined with the history and collective memory of the region. From a theoretical perspective, the study engages with research on collective memory (Halbwachs, 2004), cultural identity (Hall, 2003), urban ambiances (Thibaud, 2004), and affect theory (Anderson, 2006), interpreting space as a sensitive field of exchanges between body, memory, and territory. This phenomenological and sociocultural approach allows for an understanding of football as a social practice that produces and renews affect, transforming places into shared and meaningful experiences. Methodologically, the research adopts an interdisciplinary and qualitative approach, based on the ethnotopographic method, which integrates tools from ethnography and spatial observation. The applied techniques enabled the capture of symbolic and sensory dimensions of everyday practices related to football. Interviews with residents and fans, along with field observations on match days, made it possible to identify how the sport continues to articulate networks of sociability, memory, and belonging in the neighborhood. The results demonstrate that football in Bangu transcends the sporting field, emerging as a cultural practice that reaffirms identity ties and promotes the continuity of local traditions. Organized fan groups, collective rituals, and celebrations in public squares and streets highlight the vitality of a working-class memory that resists urban transformations. The Moça Bonita Stadium and its surroundings serve as spaces of affective permanence, where the industrial past is updated through contemporary leisure and social experiences. The relevance of this study lies in proposing an interpretation of ambiance as an analytical category capable of revealing the sensitive and symbolic dimensions of the urban landscape. By understanding Bangu as a territory of affects and memories, the research contributes to debates in Architecture and Urbanism regarding the relationship between space, identity, and culture, demonstrating that urban belonging is also constructed through the social and emotional practices that inhabit everyday life.

Keywords: Bangu. Football. Sensitive ambiances. Memory and identity. Landscape and affect.

Resumen

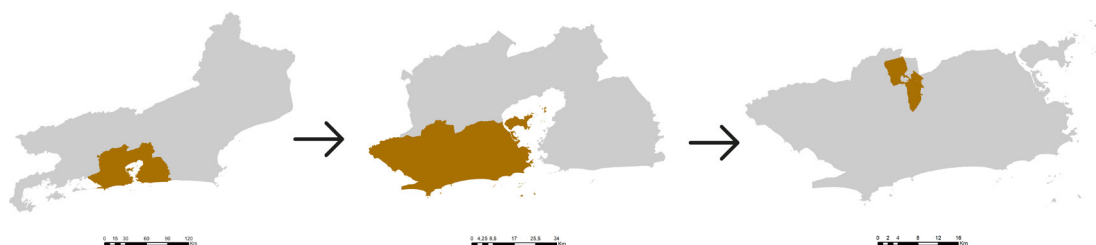
El artículo investiga cómo el fútbol actúa como un elemento estructurante del paisaje, de las prácticas sociales y de la identidad local en el barrio de Bangu, en la Zona Oeste de Río de Janeiro. La investigación parte de la comprensión de que el deporte, más que una actividad recreativa, es un fenómeno cultural y espacial que contribuye a la construcción de vínculos afectivos y simbólicos en el territorio. A partir del estudio de campo realizado en el Estadio Proletário Guilherme da Silveira - también conocido como Moça Bonita - y en la Plaza Nova Jales, el trabajo analiza cómo las ambiencias generadas por el fútbol expresan formas de pertenencia, memoria y resistencia cultural en la ciudad. El trabajo se fundamenta en la historia de formación urbana y social de Bangu, marcada por la fundación de la Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) - la Fábrica de Tejidos Bangu, que transformó una antigua zona rural en un núcleo fabril y urbano. Este proceso introdujo infraestructuras y modos de vida modernos, estableciendo una ambiencia obrera que estructuró la identidad local. El fútbol, insertado en ese contexto por trabajadores de la propia fábrica, se consolidó como símbolo del barrio a partir de la creación del Bangu Atlético Clube, el primer equipo fabril del país, cuya trayectoria se confunde con la historia y la memoria colectiva de la región. Desde el punto de vista teórico, el trabajo dialoga con los estudios sobre memoria colectiva (Halbwachs, 2004), identidad cultural (Hall, 2003), ambiencias urbanas (Thibaud, 2004) y la teoría de los afectos (Anderson, 2006), interpretando el espacio como un campo sensible de intercambios entre cuerpo, memoria y territorio. Este enfoque fenomenológico y sociocultural permite comprender el fútbol como una práctica social que produce y actualiza afectos, transformando lugares en experiencias compartidas y dotadas de sentido. Metodológicamente, la investigación adopta un enfoque interdisciplinario y cualitativo, basado en el método etnotopográfico, que integra instrumentos de la etnografía y de la observación espacial. Las técnicas aplicadas permitieron captar las dimensiones simbólicas y sensoriales de las prácticas cotidianas relacionadas con el fútbol. Las entrevistas, realizadas con residentes e hinchas, y las observaciones de campo en días de partido permitieron identificar cómo el deporte sigue articulando redes de sociabilidad, memoria y pertenencia en el barrio. Los resultados demuestran que el fútbol en Bangu trasciende el campo deportivo, configurándose como una práctica cultural que reafirma lazos identitarios y promueve la continuidad de las tradiciones locales. Las hinchadas organizadas, los rituales colectivos y las celebraciones en plazas y calles evidencian la vitalidad de una memoria obrera que resiste a las transformaciones urbanas. El Estadio de Moça Bonita y su entorno constituyen espacios de permanencia afectiva, donde el pasado fabril se actualiza en las experiencias contemporáneas de ocio y convivencia. La relevancia del estudio reside en proponer una lectura de la ambiencia como categoría analítica capaz de revelar la dimensión sensible y simbólica del paisaje urbano. Al comprender Bangu como un territorio de afectos y memorias, la investigación contribuye a los debates en Arquitectura y Urbanismo sobre la relación entre espacio, identidad y cultura, demostrando que la pertenencia urbana también se construye a través de las prácticas sociales y emocionales que habitan el día a día.

Palabras clave: Bangu. Fútbol. Ambiencias sensibles. Memoria e identidad. Paisaje y afecto.

Introdução

O presente artigo propõe investigar como o futebol atua como elemento estruturante da paisagem, das práticas sociais e da identidade local no bairro de Bangu, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O texto apresenta uma pesquisa de campo sobre as dinâmicas culturais, afetivas e espaciais relacionadas ao esporte no bairro, especialmente a partir das derivações realizadas no Estádio de Moça Bonita e na Praça Nova Jales.

Localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e entre os maciços da Pedra Branca e do Mendanha, o bairro de Bangu ocupa uma posição na Área de Planejamento 5. Situado a cerca de 30 quilômetros do Centro da cidade, Bangu se estende por uma área aproximada de 4.570 hectares, sendo um dos bairros mais populosos do município. Segundo dados do Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2022), sua população ultrapassa 240 mil habitantes, caracterizando-se por uma densidade demográfica elevada e por uma ocupação predominantemente residencial.



MAPA 1 – Mapa de localização do bairro de Bangu na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pela autora, 2024

A história do bairro se consolida com a fundação da Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB) — mais conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu —, inaugurando um novo modelo de urbanização no subúrbio carioca. Transformando uma área rural em núcleo fabril, ela foi responsável por introduzir infraestruturas modernas, como a ferrovia e o abastecimento de água, e por organizar o território segundo uma lógica ortogonal de planejamento urbano, distinta da ocupação espontânea predominante em outras partes da cidade. A partir da Fábrica foram estruturados modos de vida, hábitos culturais, práticas de lazer e tradições locais que se perpetuam na memória e nas experiências do bairro até os dias presentes.

Entre essas expressões, o futebol assume papel fundamental. Introduzido por trabalhadores da própria fábrica e patrocinado por ela, o esporte tornou-se parte constitutiva da identidade banguense, fortalecendo a identidade operária. O Bangu Atlético Clube, primeiro time fabril do país, consolidou-se como extensão da vida social e emocional do bairro, sendo hoje um dos principais vetores de memória coletiva e afirmação cultural da Zona Oeste.

O trabalho justifica-se, portanto, pela necessidade de compreender como a memória e a identidade de Bangu continuam a ser construídas e ressignificadas por meio de suas ambiências — especialmente aquelas associadas ao futebol e ao legado fabril. Entende-se aqui a ambiência como fenômeno relacional e sensível, resultante da interação entre corpo, espaço e memória, capaz de revelar modos de habitar e de sentir o território.

A estrutura do trabalho se organiza em três partes principais. A primeira sessão apresenta a contextualização histórica de Bangu, abordando o papel da Fábrica de Tecidos e do Bangu Atlético Clube na formação da paisagem e da identidade local. A segunda expõe a contextualização teórica, discutindo os conceitos de ambiências, memória e identidade sob a perspectiva fenomenológica e sociocultural. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos, baseados na observação participante e nas entrevistas etnográficas. A quarta seção apresenta os resultados dos relatos

e vivências coletadas, revelando como o futebol, as torcidas e os espaços públicos funcionam como dispositivos de memória e permanência afetiva no território banguense. Por fim, a última seção busca estabelecer uma análise do conteúdo apresentado e uma conclusão dos estudos realizados. Assim, este trabalho busca contribuir para a compreensão da ambiência como categoria analítica e interpretativa dos vínculos entre memória, identidade e paisagem, tomando Bangu como campo exemplar de estudo sobre a permanência dos afetos e a reinvenção do pertencimento urbano.

A Fábrica de Tecidos Bangu e o Surgimento do Bangu Atlético Clube

Fundada em 6 de fevereiro de 1889, a Companhia Progresso Industrial do Brasil (CPIB), mais conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu, constituiu-se como um marco fundamental no processo de transformação urbana, econômica e cultural da região em que se estabeleceu. Primeira grande indústria a se estabelecer além da margem urbana do Rio de Janeiro, a CPIB transformou uma área rural em um polo fabril de destaque internacional, exportando tecidos de alta qualidade e consolidando-se como símbolo de progresso. Beneficiada pela proximidade com mananciais de água e pela ferrovia, a Fábrica originou um novo arranjo espacial — o de cidade-fábrica — estruturado pela relação entre o edifício fabril, a vila operária, a estação ferroviária e a malha urbana ortogonal que ainda marca a paisagem banguense (Oliveira, 2006).

As ações da direção da Fábrica reforçaram o caráter filantrópico e paternalista da gestão, consolidando vínculos afetivos que perduram até hoje entre a indústria e a comunidade, mesmo depois de anos desde o encerramento de suas atividades fabris e diante das transformações na identidade econômica e na paisagem do bairro. Mais do que um empreendimento econômico, a Companhia moldou o modo de vida local ao criar habitações, escolas, praças, teatro e equipamentos de lazer, estabelecendo uma ambiência social marcada pela convivência e pelo pertencimento operário (Oliveira, 2006). Nesse contexto, o tempo livre dos trabalhadores começou a ganhar novas expressões culturais e recreativas, revelando o modo como a comunidade reinterpretava o espaço fabril para além de sua função produtiva.

O crescimento de Bangu permeia intrinsecamente o futebol brasileiro, que é trazido ao bairro (e ao país) pelo funcionário têxtil escocês Thomas Donohoe em 1894, que trouxe consigo do Reino Unido a primeira bola de couro, uma bomba para enchê-la e alguns pares de chuteiras camuflados junto aos equipamentos e materiais comprados para a Fábrica. As primeiras partidas aconteceram em um campo improvisado no terreno da Fábrica e era praticado aos domingos, por ser o dia de folga dos funcionários. Logo esta prática se tornou o principal lazer do bairro, aumentando cada vez o número de pessoas interessadas e tornando-se algo sério e profissional (Rovere et al., 2023).

Em 17 de abril de 1904 foi fundado o Bangu Atlético Clube, primeiro clube fabril do país. Décadas mais tarde, ocorre a fusão dele com o Bangu Clube, descrita como uma sociedade recreativa genuinamente operária com apoio incondicional da Fábrica (Figura 1)¹. A história do futebol banguense e a Fábrica de Tecidos Bangu é inegavelmente interligada, sendo o time uma extensão da Fábrica e a Fábrica uma representação do estilo de vida e da identidade do bairro. Isso demonstra que o lazer e a cultura local foram determinados pela Fábrica, moldadas para as especificidades e demandas banguenses em seu recorte social e cultural.

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1189947169595798&set=pb.100057415780554.-2207520000&type=3&locale=pt_BR>. Acesso em 04 out. 2025.

Entre teares e traves: a pluralidade de “ser banguense” e seu significado para a construção da identidade local

Between looms and goalposts: the plurality of “being banguense” and its meaning in the construction of local identity

Entre telares y travesaños: la pluralidad de “ser banguense” y su significado en la construcción de la identidad local



FIGURA 1 – Antigo campo do Bangu Atlético Clube inserido no terreno da Fábrica.

Fonte: Museu de Bangu, acervo virtual, 1906.

É importante ressaltar que essas atividades, mundialmente consideradas de elite na época, não eram consumidas apenas por pessoas desta classe social em Bangu, sendo até hoje autointitulado com orgulho um time proletário e operário. As atividades estruturadoras da identidade local nascem dentro do caráter fabril e principalmente operário, onde os primeiros jogadores do Bangu Atlético Clube eram também funcionários têxteis. O time, dessa maneira, vai de encontro aos paradigmas estruturados na sociedade da época, sendo também um dos pioneiros a romper com a exclusão racial presente em muitos times da época, se destacando por sua postura mais inclusiva.

Durante as décadas de 1930 e 1940, o time do Bangu foi um dos clubes mais fortes do futebol carioca, conquistando em 1933 a Taça Rio. Em 1947 foi inaugurado o Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho, também conhecido como Moça Bonita, com patrocínio da Fábrica. Em 1966, o time conquistou o Campeonato Carioca, o maior título de sua história até hoje é considerado o ápice do clube (Figura 2)² (Rovere et al., 2023). Nos anos seguintes, surge uma figura que viria a se tornar uma lenda no bairro e um dos maiores nomes da contravenção carioca, acumulando riqueza e influência por meio de atividades ilícitas variadas, além de impulsionar o time local: Castor Gonçalves de Andrade e Silva, filho primogênito do ex-presidente do Bangu Atlético Clube, nascido exatos 35 anos após o apito da Fábrica de Tecidos Bangu ecoar pelas ruas pela primeira vez na história.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1221205346469980&set=pb.100057415780554-2207520000&type=3&locale=pt_BR>. Acesso em 04 out. 2025.

Entre teares e traves: a pluralidade de “ser banguense” e seu significado para a construção da identidade local

Between looms and goalposts: the plurality of “being banguense” and its meaning in the construction of local identity

Entre telares y travesaños: la pluralidad de “ser banguense” y su significado en la construcción de la identidad local



FIGURA 2 – Torcida do Bangu Atlético Clube na grande decisão de 1966.

Fonte: Museu de Bangu, acervo virtual, 1966.

Castor teve um papel fundamental em manter o Bangu nos holofotes do futebol carioca durante as décadas de 1980 e 1990. No entanto, sua gestão também foi marcada por polêmicas, principalmente relacionadas ao seu envolvimento com o jogo do bicho e algumas de suas práticas no futebol, que levantaram questões sobre a ética e a legalidade de algumas ações (Doutor Castor, 2021). Mesmo sendo uma figura controversa, Castor de Andrade conseguiu reerguer o time em uma época de grande dificuldade, deixando assim sua marca e criando seu legado no futebol banguense.

Mesmo com altos e baixos, o Bangu Atlético Clube permanece como um emblema da Zona Oeste e um capítulo essencial na história do futebol brasileiro, não apenas pelo que conquistou em campo, mas pelo que representa fora dele. A origem operária e o pioneirismo sociocultural dentro do esporte em escala nacional até hoje é incorporada no discurso dos torcedores, que literalmente vestem a camisa orgulhosos da história fundadora, como será demonstrado a seguir.

A importância da memória na construção da identidade banguense

No contexto de Bangu, entender a memória coletiva que fundou o bairro e, por sua vez, o time, é entender também as dinâmicas identitárias nascidas e transformadas por todos os elementos constituintes do território. É na vitalidade dessas memórias em movimento e na força das tradições comuais que se sustenta a permanência de um sentimento coletivo de ser e de estar em Bangu.

Maurice Halbwachs (2004) conceitua que nossas lembranças são socialmente condicionadas ao meio que estamos inseridos. A forma como lembramos e o que lembramos são definidos pelos quadros sociais, o que estrutura a narrativa que o grupo faz de si mesmo, ou seja, sua identidade. Para o autor, cada grupo social cria uma narrativa comum que reforça os laços entre os membros e as lembranças evocadas pelos sujeitos — como ir ao Estádio Moça Bonita com a família, celebrar as ruas pintadas de vermelho e branco e participar de festividades promovidas pela torcida

— não são apenas experiências pessoais, mas sim manifestações de uma memória socialmente construída, que ancora o sentimento de pertencimento ao território.

Para Stuart Hall (2003), a nação seria uma “comunidade imaginada”, construída por relações de poder e do desejo de conviver em conjunto, perpetuando uma herança cultural. Histórias, memórias, identificações e identidades criam essa cultura nacional unificada, originando assim essa comunidade. Dessa maneira, a vivência do futebol em Bangu pode ser compreendida de forma semelhante: a identidade coletiva alvirrubra se alimenta das memórias coletivas e da herança cultural compartilhada, que se tornam referências afetivas e simbólicas de continuidade.

Na moderna Psicanálise, a ideia de identificação está inserida no processo pelo qual a ideia de um mundo externo se funde ao mundo interno de um sujeito, o que garante a adesão e criação de vínculos. Para a Geografia, a identificação é a criação de vínculos, um “selo” de pertencimento ao local. Este diálogo contínuo entre identidade e identificação implica que os lugares são moldados por práticas e narrativas humanas, ao mesmo tempo em que moldam as experiências humanas. Quando um lugar é dotado de afetividade e valores, constroem-se sentimentos de pertencimento (Fischer, 1994), que promovem atos de apropriação simbólica ou material.

Pode-se dizer, portanto, que a paisagem neste contexto é um conjunto de afetos ocasionados pelo habitar. Nesse sentido, a Teoria dos Afetos, de Ben Anderson (2006), converge com o que foi exposto, tendo em vista que, para o autor, os afetos são intensidades pré-cognitivas que circulam entre corpos e espaços, proporcionando ambiências que influenciam comportamentos e percepções antes da formação de emoções conscientes.

A apropriação de um espaço público se dá, portanto, pela transformação dele em um lugar sensorial e emocional, que é experimentado e reconfigurado através dos gestos das pessoas, tendo em vista o dinamismo que um lugar pode ter por não ser considerado estático ou predefinido. Esses gestos de apropriação — como ocupar a praça Novas Jales e as ruas do entorno em dia de jogo, marchar da sete da torcida até o estádio e até mesmo tomar uma cerveja com os amigos na Banca do Bangu — têm o poder de transformar a paisagem e ativar as forças afetivas dos espaços públicos por meio da apreensão das ambiências que se configuram.

O estudo das ambiências define o fenômeno emergente da relação entre o sujeito e o meio, atravessado por práticas sociais, memórias coletivas e percepções corporais, que constroem o lugar. A relação entre o corpo e a ambiência, descrita por Thibaud (2004) faz com que o espaço, para o sujeito, seja sentido e vivido de maneira única, constituindo-se como um campo de tensões afetivas, onde os gestos de apropriação e as experiências sensíveis revelam a construção da identidade local.

Dessa maneira, entende-se que toda ação de habitar implica um modo de ser no espaço, que é sensorial, afetivo e histórico. Assim, a paisagem é também onde a memória, o afeto e a subjetividade se sedimentam e conferem densidade ao território. Investigando as ambiências configuradas pelo futebol em Bangu, esta pesquisa buscou revelar de que maneira o espaço vivido é atravessado por afetos e práticas cotidianas herdadas por um passado ambiental coletivo, constituindo uma paisagem que ultrapassa o visível, atingindo o campo de pertencimento, identidade e transformação.

Pesquisadora-habitante: a observação participante e a entrevista etnográfica como lentes para a percepção afetiva da paisagem de Bangu

Para atingir o objetivo do trabalho foi optado uma abordagem metodológica interdisciplinar e qualitativa, combinando ferramentas capazes de abranger as várias camadas de análise deste estudo, interligando aspectos físicos, visíveis e pragmáticos com aspectos sensíveis e invisíveis, presentes na subjetividade do habitar e pertencer a Bangu. Esta pesquisa se debruçou sobre o método Etnotopográfico³, utilizando ferramentas do método etnográfico, já bem manipuladas por antropólogos e sociólogos, com ferramentas e instrumentos voltados para a interpretação de arquitetos e urbanistas. Buscando suportar a experiência encarnada na paisagem, essa abordagem possibilitou vivenciar as ambiências dos lugares com foco no interlocutor, buscando por significações sobre o uso cotidiano do bairro estudado, compreendendo as perspectivas e os significados que os membros de um grupo atribuem às suas ações e experiências, sempre a partir de uma abordagem empática e de respeito pela complexidade cultural.

A experiência encarnada, ou “experiência corporal” (Merleau-Ponty, 2018) deriva das ciências cognitivas que se referem à ideia de que nossa percepção e compreensão do mundo não são apenas processadas pela mente, mas também influenciadas e moldadas pelo nosso corpo. A maneira que sentimos o mundo através dos sentidos, como a visão, audição, tato, até os movimentos do corpo, como andar ou gesticular, influenciam a forma como entendemos o espaço e o contexto, moldando nossa experiência. Dessa maneira, a mente e o corpo não estão separados, mas são aspectos interligados e influenciados pela experiência humana corporal no espaço.

A utilização da Observação Participante (Spradley, 1980) se justifica na intenção de identificar de forma mais profunda a complexidade das relações sociais e afetivas que compõem a paisagem de Bangu no contexto do futebol, permitindo que fossem capturadas algumas das múltiplas dimensões desses espaços, não apenas como lugares físicos, mas como ambientes carregados de memórias e sentimentos que formam o alicerce da identidade coletiva do bairro.

Implementada por meio das derivas, esta ferramenta se baseia no caminhar sem mediação de roteiro pré-definido, como um dos meios para a captação e análise da experiência humana livre, nas ambiências experimentadas. Ela se caracteriza por uma imersão do investigador na realidade do grupo estudado, muitas vezes assumindo papéis tanto explícitos quanto disfarçados. A pesquisa de campo utilizou de imersões diretas pelo bairro, de maneira que a pesquisadora também se tornou um dos atores dos cenários registrados.

Com base na poética do flâneur, a “etnografia de rua” desenvolvida por Eckert e Rocha busca inventariar o mundo na instabilidade do seu movimento (Eckert; Rocha, 2003). Por meio dessa técnica, são utilizadas ferramentas de registro audiovisual que compõem o olhar e delineiam a sua atitude diante da coleta de dados. Aplicado à Observação Participante, este procedimento também permite a produção de um acervo da leitura, sob a ótica do pesquisador, das ambiências apreendidas e a sua experiência urbana e social do lugar.

³ Cunhado pelas coordenadoras do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura - LASC/UFRJ e em pleno desenvolvimento pelo grupo de pesquisa.

Diante da necessidade de respostas das pessoas que vivem Bangu, a Entrevista Etnográfica⁴ foi a ferramenta elencada para a segunda etapa da aplicação metodológica. Para Spradley (1980), trata-se da utilização de uma conversa casual em que perguntas emergem de uma forma natural, adaptada aos entrevistados e às condições do contexto, com flexibilidade e liberdade de elaborar suas respostas. No entanto, elas não são conversas abertas, tendo em vista que necessitam de diretrizes fornecidas pelo entrevistador a partir de uma estrutura previamente pensada, por isso, semiestruturada, com roteiro pré-definido, mas não limitador.

Conduzidas durante o mês de abril de 2025, em momentos variados da semana, elas possibilitaram um diálogo rico e flexível, essencial para captar a prática cultural e social do futebol em Bangu e a sua influência nas narrativas memoriais e identitárias dos entrevistados, aqui identificados como interlocutores. Essa escolha foi realizada a partir de contatos realizados na primeira etapa de sondagem, dentro do ciclo de convivência da própria pesquisadora, no contato com o Museu de Bangu e em redes sociais das páginas sobre o bairro.

Foi intencionado organizar as falas de maneira sistemática e interpretar as dimensões simbólicas e subjetivas envolvidas, de modo a oferecer uma leitura crítica e reflexiva sobre as questões levantadas ao longo das conversas. Deste modo, foi solicitado que compartilhassem sobre suas recordações, vivências e afetos correlacionadas com o esporte no bairro, compondo assim suas próprias percepções e leituras. Assim, foi buscado analisar como a identidade do futebol banguense aparecia a partir das narrativas sobre as histórias pessoais com a memória coletiva e seus signos.

Ao articular instrumentos etnográficos e procedimentos de observação espacial, buscou-se compreender as dimensões simbólicas e afetivas que atravessam as práticas ligadas ao esporte e, inevitavelmente, à memória fabril em Bangu. A partir dessas premissas, a seção seguinte apresenta os resultados da aplicação prática das ferramentas aqui discutidas, revelando como os relatos dos narradores e as vivências de campo contribuíram para a construção desta análise.

Investigações de campo

As derivas foram realizadas na Praça Nova Jales e no Estádio Proletário Guilherme da Silveira – Moça Bonita em diferentes dias de partidas do Bangu Atlético Clube durante o Campeonato Carioca A1 de 2025, em diferentes horários. No caminhar curioso e despretenso, algumas horas antes da concentração da torcida, foi possível perceber o ambiente pacato se transformando em um anfitrião festivo. Comerciantes locais arrumando suas barracas (Figura 3), sabendo que dias como aquele são decisivos para um lucro maior no final do mês. E de fato, sob a ótica de quem habita o lugar cotidianamente, a mudança na ambiência é notória: o número de transeuntes e consumidores multiplica consideravelmente. No entanto, a futura agitação iminente da praça não impedia que as pessoas desfrutassem do espaço com tranquilidade.

Foi possível identificar uma energia familiar dominando fortemente os espaços públicos em dia de jogo (Figura 4). Pessoas aproveitando as últimas horas de sol, repousando e se divertindo debaixo das sombras das árvores. Com o passar das horas, foi possível perceber cada vez mais alvorrubros chegando, mas não menos famílias confraternizando. Pelo contrário, era expressiva a presença de adultos com suas respectivas crianças confraternizando, além de amigos de longa data e notoriamente saudosistas com vitórias do Bangu.

4 É importante mencionar que esta pesquisa, de abordagem direta com humanos, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – CEP CFCH, dentro do sistema CONEP, sob número do parecer 7.469.632.

Entre teares e traves: a pluralidade de “ser banguense” e seu significado para a construção da identidade local

Between looms and goalposts: the plurality of “being banguense” and its meaning in the construction of local identity

Entre telares y travesaños: la pluralidad de “ser banguense” y su significado en la construcción de la identidad local



FIGURA 3 - Banca do Bangu,
Praça Novas Jales.

Fonte: Elaborado pela autora,
2025.



FIGURA 4 - Crianças brincando
na Praça Nova Jales, antes do
jogo começar.

Fonte: Elaborado pela autora,
2025.

Em uma das entrevistas realizadas, o interlocutor P.V. (2025) contou com afeto que os jogos do time faziam parte da rotina familiar, e ele e seus primos ficavam ansiosos esperando o final de semana chegar para assistir ao jogo do Bangu. Ainda que, como criança, seu interesse estivesse dividido entre o futebol e o ritual social do evento (como comer pipoca, amendoim ou tomar refrigerante), a ida ao estádio representava uma experiência coletiva que reforçava os vínculos com o bairro⁵.

Dentro do Moça Bonita, a energia familiar percebida antes do jogo continuava dominando fortemente a ambiência (Figura 5), onde torcedores de diferentes gerações interagiam em um cenário parado no tempo, que mantém até hoje as características arquitetônicas da época de ouro do Bangu Atlético Clube. Alguns outros pais bebiam e confraternizavam assistindo ao jogo, enquanto as crianças brincavam entre si de pular entre os níveis das arquibancadas. As estruturas se tornavam parte da aventura delas, inventando diversas histórias e fantasias para justificar as escaladas.

⁵ Entrevista concedida à autora em 10/04/2025, em Bangu na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Entre teares e traves: a pluralidade de “ser banguense” e seu significado para a construção da identidade local

Between looms and goalposts: the plurality of “being banguense” and its meaning in the construction of local identity

Entre telares y travesaños: la pluralidad de “ser banguense” y su significado en la construcción de la identidad local



FIGURA 5 - Pai e filha na torcida do Bangu.

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Para os mais antigos, é muito animador ver a nova geração tão empolgada com o time, mesmo nos momentos de derrota do time. O interlocutor I.O. (2025), e membro da torcida organizada Castores da Guilherme, menciona que atualmente existem outras torcidas organizadas como a Banfiel, a Charanga de Bangu, a Bangoró, a Super Bangu, os Gigantes da Oeste e a mais recente Nova Geração BAC. Ele comenta que, no geral, há grande união entre as torcidas, que às vezes fazem campanhas juntas. Ele também comenta sobre as iniciativas das torcidas em reunir a população, promovendo eventos, criando rituais pré e pós jogos e levantando doações à comunidade em ocasiões especiais, como festas de final de ano e páscoa⁶.

“A torcida é mais do que nas arquibancadas”, escreveu a Castores nas redes sociais em uma de suas publicações recentes. Nesse sentido, esses grupos se propõem a apoiar não apenas o time, mas também engajar ações sociais e culturais no território como um todo, como os eventos realizados em parceria com o Museu de Bangu, centro de memória e pesquisa sobre o bairro. “Eles são mais labaredas para chamar essas novas gerações do que o próprio clube”, observa o interlocutor C.R. (2025), indicando a força das mobilizações autônomas e horizontais no fortalecimento do pertencimento entre os mais jovens.

Aí você vai embora desse plano aqui, mas você deixou a raizinha lá atrás, colaborou... aí vai somando uma coisa aqui, outra coisa ali [...] A camisa do Bangu que os adolescentes e jovens vestem hoje em dia, antigamente não vestiam. O Bangu era torcida de velhos, hoje é torcida de jovens. Hoje é o contrário, você vai em Moça Bonita e você não vê velho, você vê jovens! Entendeu a transformação cultural? O esporte é cultura. (Interlocutor C.R., 2025)⁸

Conversando com torcedores, foi percebido que muitos jovens não possuem o time como uma herança familiar, sendo estimulados a fazer parte graças às iniciativas e promoções atrativas das torcidas organizadas. No entanto, foi possível encontrar alguns torcedores que tiveram essa experiência por influência de seus antepassados, dizendo o quanto esse sentimento foi inflado ao longo de suas juventudes, como foi o caso do interlocutor J.G. (2025).

⁶ Entrevista concedida à autora em 19/04/2025, em Bangu na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

⁷ Entrevista concedida à autora em 19/04/2025, em Bangu na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

⁸ Entrevista concedida à autora em 19/04/2025, em Bangu na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Todo lugar que ele [o avô] ia, até fora do país, levava uma camisa do Bangu para tirar uma foto.[...] Quando ele faleceu [...] no discurso falaram: ‘vai-se um grande Banguense, mas ele ensinou todos nós a amar o Bangu como ele’. (Interlocutor J.G., 2025)⁹

Muitos relatos identificam o futebol em Bangu como parte indissociável da identidade individual e coletiva dos habitantes historicamente conectados ao bairro. Da mesma maneira que a Fábrica de Tecidos e o Bangu Atlético Clube se entrelaçam em suas origens e significados, suas referências mentais e simbólicas compartilham o mesmo espectro afetivo e formador de pertencimento. Os relatos reforçam essa fusão entre memória, território e identidade ao descrever como o cotidiano familiar e as experiências de infância eram atravessados por elementos estruturantes do bairro. Esses fragmentos de vida compõem uma ambiência emocional e sensorial enraizada, na qual o futebol e a fábrica se tornam extensões da própria existência, expressando o modo como a história coletiva de Bangu se materializa nas trajetórias pessoais e na continuidade de uma identidade compartilhada entre gerações.

O berço que eu nasci, o local que eu nasci... foi consumindo coisas do bairro e criando identidade com aquele vermelho e branco, com o escudo do Bangu, o símbolo da fábrica, o apito da fábrica... eram coisas minhas, eram coisas da minha família. Eu acordava num sábado, era a minha mãe ouvindo o rádio para ver a escalação do Bangu, a semana corria justamente com a gente pensando no momento que a gente iria ver o jogo do Bangu. [...] a minha infância foi toda experimentando coisas do bairro, meu pai falando da fábrica... eu estudava na Escola Getúlio Vargas, que fica ali do lado da própria fábrica, dentro do terreno mesmo, e quando eu saía da escola, muitas das vezes eu passava pela fábrica olhando para ver o carro do meu pai estacionado... então são coisas de fato que não tem como uma pessoa assim deixar de lado, faz parte realmente de quem eu sou. (Interlocutor P.V., 2025)¹⁰

Os relatos das entrevistas e as derivas realizadas demonstram como a vivência contínua dessas memórias fundadoras, sejam elas heranças diretas ou não, garante a essência do bairro. O futebol e suas práticas sociais se mantêm como elos significativos entre passado, presente e futuro. A ambiência vibrante e acolhedora das torcidas, que mescla momentos de celebração e interação, reflete a resistência de uma identidade cultural que se mantém viva através das gerações, mesmo diante das transformações sociais e urbanas. Portanto, a observação da relação entre os movimentos culturais, a paisagem e as interações sociais revelam as dinâmicas da torcida e da comunidade, apontando para a relevância da memória, do afeto e da vivência como elementos fundamentais para a preservação da identidade de Bangu.

Considerações finais

A trajetória do futebol em Bangu é mais do que a história de um time, é a narrativa viva de um bairro operário que encontrou no esporte um instrumento de identidade, resistência e pertencimento. Desde a chegada de Thomas Donohoe até os dias de Castor de Andrade, o Bangu Atlético Clube consolidou-se como um dos símbolos mais importantes das memórias e afetos do bairro, tecendo entre conquistas, desafios e tradições uma identidade coletiva que ultrapassa o campo e se enraíza nas ruas, nas histórias e no sentimento de pertencimento de quem vive Bangu.

9 Entrevista concedida à autora em 11/04/2025, em Bangu na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

10 Entrevista concedida à autora em 10/04/2025, em Bangu na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

A Fábrica de Tecidos Bangu, ao inaugurar um modelo de cidade-fábrica e estabelecer laços de pertencimento entre trabalho, moradia e convivência, sedimentou o alicerce simbólico que ainda estrutura o imaginário local. O Bangu Atlético Clube emerge como desdobramento direto dessa herança, convertendo o espaço do lazer e do futebol em um campo de reafirmação identitária, onde o vermelho e branco extrapolam o território do esporte para se tornarem cores da própria vida cotidiana.

A leitura etnotopográfica permitiu compreender como os gestos, rituais e narrativas dos habitantes moldam o espaço vivido, convertendo o bairro em um território afetivo em permanente reconstrução. O pertencimento, neste contexto, manifesta-se como uma experiência sensorial e emocional que se atualiza nas práticas comunitárias e nas expressões culturais, demonstrando que a identidade banguense é uma construção coletiva, enraizada tanto na memória fabril quanto na vitalidade do futebol popular.

Os resultados obtidos por meio da observação participante e das entrevistas etnográficas evidenciam que o futebol em Bangu não se resume a um evento esportivo, mas constitui uma prática cultural de resistência e de transmissão intergeracional da memória. As ambiências formadas nas praças, nas ruas e no Estádio Moça Bonita revelam a potência dos afetos compartilhados e das sociabilidades urbanas que reatualizam, a cada jogo, a paisagem simbólica inaugurada pela antiga fábrica.

O estádio ultrapassa seus muros, impregnando o entorno até mesmo nos dias comuns. Toda a ambiência dos espaços adjacentes busca relembrar e celebrar as glórias do Bangu Atlético Clube com pinturas e desenhos nas paredes e nas barracas dos vendedores. Seus habitantes vivem um Bangu plural, que combina todos os seus signos e símbolos promovendo uma coesão entre passado, tradição e transformação.

A intitulação “banguense”, etimologicamente, poderia ser classificada como homônima perfeita, uma vez que apresenta a mesma grafia e pronúncia, mas significados diferentes (banguense como habitante e banguense como torcedor). No entanto, analisando como esses significados se entrelaçam, pode-se dizer que ser banguense é uma unidade. O passado fabril e operário é lembrado com orgulho pela torcida, que veste a camisa que simboliza não apenas o time, mas o bairro como um todo.

Portanto, ser banguense é indissociável dos laços originários. A trajetória de Bangu revela como a memória, o afeto e as práticas cotidianas podem sustentar a continuidade de uma identidade coletiva mesmo diante das transformações urbanas e sociais. Assim, ao revelar o entrelaçamento entre espaço e afeto, este estudo reafirma a importância de compreender o território para além de sua materialidade, como uma tessitura de experiências e lembranças que conferem espessura à paisagem.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço e dedico este trabalho, especialmente, à memória de Luiz Manoel Gomes Avila, ex-funcionário da Fábrica Bangu, técnico de futsal alvirrubro e banguense de coração e alma, que tanto contribuiu para a preservação da memória não documentada de Bangu e quem teve o prazer e o privilégio de conhecer ao longo desta pesquisa.

Referências

- ANDERSON, Ben. **Becoming and being hopeful: towards a theory of affect**. Environment and Planning D: Society and Space, England, v. 24, n. 5, p. 733-752, 2006.
- DOUTOR Castor**. Direção: Marco Antônio Araújo. Rio de Janeiro: Globo Filmes; Globoplay, 2021. 4 vídeos (ca. 240 min).
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana**. ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 4, n. 7, P. 1-22, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160>. Acesso em: 14 out. 2025.
- FISCHER, Gustave Nicolas. **Psicologia social do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004;
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- MUSEU DE BANGU. **Acervo virtual**. Facebook: museudebangu. Disponível em: https://www.facebook.com/museudebangu?locale=pt_BR. Acesso em: 4 nov. 2025.
- OLIVEIRA, Marcio Piñon. Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. **Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**, Barcelona, n. 10, p. 205-228, 2006. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-51.htm>. Acesso em: 5 out. 2025.
- ROVERE, Benevenuto; JUSTINO, Carolina; MOLINARI, Carlos; LIMA, Eloise; PAULA, Gerdal; KELER, Marcio; SILVA, Paulo Vitor Braga; BERMUDAS, Renato; MELO, Rogério; CARDOSO, Vinicius. **Bangu 350 anos: a história do bairro contada pela vida de seus personagens**. [S. l.]: Meu Rio de Todos os Tempos, 2023.
- SPRADLEY, James. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1980.
- _____. **The Ethnographic Interview**. California: Hardcourt, 1979.
- THIBAUD, Jean-Paul. **O ambiente sensorial das cidades: para uma abordagem de ambiências urbanas**. In: TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira; RABINOVICH, Elaine Pedreira; GUEDES, Maria do Carmo (org.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvo o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 17/10/2025

Aprovado em 09/11/2025